

# SUJEITO, COMUNICAÇÃO E CULTURA<sup>1</sup>

## Jesús Martín-Barbero, coerência e radicalidade ao tratar de Comunicação e de Cultura na América Latina

*Jesús Martín-Barbero é um dos mais respeitados pensadores latino-americanos. Doutor em Filosofia pela Universidade de Louvain, Bélgica; professor fundador da Faculdade de Comunicação da Universidad del Valle, Cali, Colômbia; atualmente dedica-se a pensar a comunicação e a cultura, prestando assessoria a entidades e a movimentos populares. Pesquisador e teórico da comunicação, tem dado grande contribuição aos Estudos de Recepção a partir da conceituação das mediações culturais e da valorização das culturas latino-americanas. Seu livro Dos meios às mediações, traduzido recentemente para o português (Rio de Janeiro, UFRJ, 1997), e seus artigos em revistas de comunicação e cultura (dois deles publicados por **Comunicação & Educação**<sup>2</sup>) têm ajudado a estudantes, professores e pesquisadores da comunicação e do campo comunicação/educação a refletirem de maneira mais ampla e transdisciplinar as questões relativas aos meios de comunicação, às novas tecnologias e às problemáticas daí decorrentes. Em entrevista exclusiva à **Comunicação & Educação** ele nos fala de*

*sua trajetória intelectual e faz reflexões sobre problemas da atualidade.*

Por Roseli Fígaro e  
Maria Aparecida Baccega

**Revista Comunicação & Educação:** *Professor, o senhor é espanhol?, qual é sua formação?*

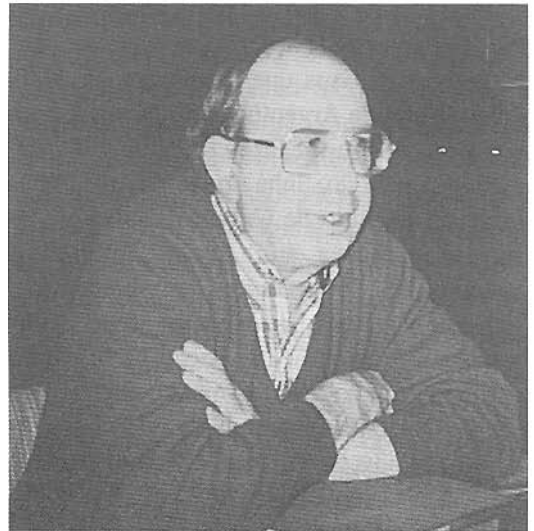
**Martín-Barbero:** Sim, de origem. Bem, eu nasci numa cidadezinha entre Madrid e Ávila, junto a um lugar muito famoso que se chama El Escorial. El Escorial é um mosteiro erigido por Felipe II. Ali, ao lado, havia uma pequena cidade de veraneio, freqüentada por intelectuais. Desse modo tive relações, quando jovem, com um certo mundo intelectual, digamos progressista. Descobri, nesse momento, um amigo livre-pensador, republicano espanhol, com uma biblioteca fabulosa, que realmente teve um papel muito importante na minha vida, principalmente no que diz respeito à literatura, literatura proibida, do Partido Comunista. Aquilo, para mim, foi muito importante. Fiz, na capital da província de Ávila, os estudos primários e depois o

1. Transcrição e tradução de Fidelina Gonzalez e Renata Pallottini.

2. MARTÍN-BARBERO, J. *Comunicação plural: alteridade e sociabilidade*. **Comunicação & Educação**. São Paulo: CCA-ECA-USP/Moderna, n. 9, maio/ago. 1997. p. 39-48. \_\_\_\_\_, *Cidade virtual: novos cenários da comunicação*. **Comunicação & Educação**. São Paulo: CCA-ECA-USP/Moderna, n. 11, jan./abr. 1998. p. 53-67. (N. Ed.)

secundário. Fiz a Faculdade de Filosofia em Madri, minha primeira licenciatura. Em Ávila, tive contato com um professor que foi crucial na minha vida: ele era espanhol e havia sido diplomata no tempo em que as Nações Unidas estavam em Genebra, na Segunda Guerra Mundial. Ele foi meu professor de História da Cultura e de História da Filosofia. A ele devo muito da minha estrutura mental, a qual me permite cruzar, articular disciplinas e temas. Ele nos deu uma visão que, depois, encontraria no filósofo que mais me influenciou, que foi Merleau-Ponti. Ele era um cético diante das visões providencialistas, unilineares, mas um cético com uma experiência de vida muito grande. Não esquecerei nunca o dia em que nos disse que as prostitutas acabavam tendo uma sabedoria muito maior que a dos intelectuais, porque elas sabiam quem ia chorá-las no dia de seu enterro. Ele nos deu uma formação muito séria em termos de História Cultural. Isso me permitiu depois, e muito cedo, ler textos de primeira mão, coisa muito difícil de conseguir. Aos 16, 17 anos li, por exemplo, toda a obra de Camus, boa parte da de Sartre. Este homem era professor secundário, e tão importante para nós que minha formação não se localizou na universidade, mas sim no secundário. Ele fazia parte de um grupo de intelectuais que se reunia, clandestinamente, uma vez por ano, na montanha, em Ávila, na linda Serra de Gredos. Eles se reuniam para se ajudarem a sobreviver naquele mundo escuro, estúpido e vulgar que era o mundo espanhol nos anos 50. Tive sorte, porque este professor levava os seus alunos mais queridos a esta Semana, para ouvir. Assim pude conhecer pessoalmente, quando tinha 17 anos, as pessoas mais progressistas da Espanha desse tempo. Ali conheci também Luís Rosales, um amigo pessoal de Lorca, um grande poeta. Para alguns foi a pessoa que se despediu de Lorca

antes que o matassem. Para outros Lorca estava em casa de Luís Rosales quando a Guarda Civil o prendeu para fuzilá-lo. Essa gente era muito simples. Entre eles estava José Luís Aranguren, filósofo que trabalhou muito a ética política, pessoa das mais progressistas durante o franquismo. Conheci toda essa gente e, digamos, tive uma juventude muito estranha, porque tive um enriquecimento cultural, tive uma vida cultural muito rica, mesmo tendo nascido numa cidadezinha pequena. Durante o tempo do ginásio, da Segunda Guerra, nas minhas férias, tinha um grupo de amigos que já estavam na universidade. Estudávamos música clássica, ouvíamos muita música da América Latina, porque minha geração detestava o flamenco. O franquismo utilizou a música andaluza como se fosse a única música espanhola, desprezando todas as outras.



Jesús Martín-Barbero é, na atualidade, um dos mais importantes teóricos da comunicação.

Então, minha formação foi feita muito mais nesses encontros do que de maneira formal. A única pessoa que encontrei, em minha educação formal, foi esse professor Dom Alfonso Perez Cancio. Ele era um bas-

co, alto, de dois metros, calvo. Algum dia vou lhe dedicar um livro. Verdadeiramente, esse foi um homem de idéias claras. Ele me colocou em contato com essa gente e Luís Rosales me estimulou a escrever poesia e, assim, tenho um livro de poesias publicado. Foi a primeira vez que publiquei algo. Depois, a revista *Ateneo*, de Madri, que era um lugar, digamos, entre progressista e assustado, publicou várias poesias minhas. Portanto, minha formação começa assim.

### TORNAR-SE LATINO-AMERICANO

Vim para a Colômbia em outubro de 1963. E vim porque a vida intelectual na Espanha estava muito aborrecida e, além do mais, perigosa. Para ler Sartre, já nem digo livros de Marx, tínhamos de ir ao camarim do teatro de La Zarzuela. Lá havia uma célula do Partido Comunista que fazia contatos para conseguir os livros que desejávamos. Os livros vinham da Argentina e do México, com desconto. Assim fui fazendo minha biblioteca. Nessa ocasião, tinha um amigo que trabalhava no Instituto de Cultura Hispânica (assim se chamava antigamente, hoje é o Instituto de Cooperação Ibero-americana), justamente na seção de intercâmbio entre universidades. Foi então que decidi partir para a aventura: vim para a Colômbia como professor de Filosofia. Fiquei, nessa primeira temporada, de 63 a 68. Aí voltei à Europa para fazer o doutorado. Em Bogotá trabalhei como professor, mas também como diretor de uma biblioteca-casa de estudos, que pertencia a uma fundação particular, a qual, naquele momento, tinha um papel muito importante no diálogo entre cristãos e marxistas. Por essa

instituição passou Camilo Torres<sup>3</sup> e o que seria depois o Grupo Golconda. O Grupo Golconda foi um grupo de sacerdotes, de cristãos da Teologia da Libertação, que enfrentou uma das hierarquias mais retrógradas da América Latina e começou uma revisão profunda do que era ser cristão naquele tempo. Trabalhei, então, com grupos universitários de todas as universidades de Bogotá, que estavam, por essa época, lendo concomitantemente textos da Teologia da Libertação e textos marxistas. Há pouco estive comentando um desses textos, que foi aquele sobre o qual fiz minha tese, *Dialética do concreto*, de Karel Kosik<sup>4</sup>. Kosik foi um tchecoslovaco fabuloso, consegui muitas coisas dele na Itália.

Digamos que essa foi a experiência mais importante desses primeiros cinco anos na Colômbia. Portanto, não foi a experiência docente, foi a experiência de trabalho nesta casa de estudos-biblioteca, porque isso me permitiu viver coletivamente aquela euforia: acreditávamos que tínhamos a Revolução ao nosso alcance. Aquela foi uma época muito importante, muito linda.

Reli por inteiro a História da Espanha e da América Latina, o que é uma das chaves da minha primeira temporada na Colômbia, ler História. Porque sabia que a História que tinha aprendido era anarquicamente falsa, uma História muito mesquinha, muito direcionada. A História me deixou uma marca muito forte, que se pode ver em *Dos meios às mediações*. Realmente a História foi minha segunda formação. Autodidaticamente, li muita História, que liguei com Sociologia, Antropologia. De tudo o que mais li nesses cinco anos foi História e formação marxista. Por um lado estava Althusser, no auge, com *Por Marx*, que nós traduzimos na Universi-

3. Camilo Torres foi um sacerdote seguidor da Teologia da Libertação, participou intensamente do movimento revolucionário colombiano nos anos 60. Foi assassinado pelo Exército da Colômbia.

4. KOSIK, K. *Dialética do concreto*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1985. (N. Ed.)

dade Nacional, na Faculdade de Sociologia. Traduzimos o primeiro texto de Althusser para o castelhano, um pequeno artigo no qual se resumia o *Por Marx*, chamado *La evolución teórica de Marx*. Dividi meu tempo entre Althusser e essa outra linha que o Fundo de Cultura Econômica começava a publicar, de autores do mundo socialista. Li bastante Karel Kosik e vários outros autores iugoslavos. Isso, para mim, foi muito interessante, ler textos dessa outra faceta, na qual, por exemplo, Karel Kosik demonstrava que a dicotomia apresentada por Althusser entre o Marx político e o Marx científico era absurda. Eles tinham vivido esse debate já havia trinta anos. Isso foi muito importante para mim porque fiz a tese de homologação para passar ao doutorado sobre Karel Kosik e Goldmann, com uma enorme influência de Goldmann.

## **APOIO AOS LATINO-AMERICANOS NA EUROPA**

Quando fui fazer o doutorado na Europa, queria trabalhar com Goldmann em Paris, mas ele morreu no ano em que cheguei lá. Em Paris estavam Lucien Goldmann e todo o grupo que mais me interessava. Eram pensadores de linha marxista. Lá tive a sorte de conhecer uma associação de ajuda a latino-americanos na Europa. Era época do exílio, sobretudo no Brasil, e os brasileiros tinham a direção de três ou quatro associações latino-americanas. Eles eram os melhores diplomatas. Nessa ocasião trabalhava em Bruxelas, com uma entidade que se chamava Serviço Europeu de Universitários Latino-Americanos. Coordenava um boletim mensal, fazia um boletim de informação sobre coisas que não se encontravam nos jornais europeus. Além disso, publicávamos

sínteses das teses feitas pelos latino-americanos na Europa. Fazíamos também reuniões, congressos, por exemplo: os bolivianos, de Estocolmo até Sevilha, nós os reuníamos em Barcelona. Ou, todos os latino-americanos que viviam na Itália, e fazíamos a reunião na Itália.

---

**Fizemos um encontro, em Bonn, na Alemanha. Ali esteve Ernst Mandel, o economista. Esteve também Maria da Conceição Tavares, a famosa economista brasileira, e o teólogo da libertação, Frei Betto. Ali estiveram muitas pessoas que saíram da prisão quando do intercâmbio pelo Embaixador dos Estados Unidos. E o mais assombroso foi ver como os brasileiros trabalhavam de dia e sambavam à noite. Dançavam seis horas, não dormiam, era uma gente louca, descansavam dançando samba.**

---

Nessa ocasião fazia meu doutorado em Louvain. Vivia um pouco em Louvain e ia a Bruxelas trabalhar. Fiz meu doutoramento em dois anos. Passados esse período não agüentava mais a Bélgica, era um país muito pequeno-burguês, muito racista. Humilhavam constantemente os estrangeiros e, principalmente, os estrangeiros que freqüentavam a universidade de língua francesa. Assim, quando pude, arranjei um jeito de sair. José Abreu voltou para Brasília e entrou em seu lugar, como secretário da Associação onde trabalhávamos, um boliviano. Conversei com ele e consegui permissão para dedicar-me sobretudo ao boletim, e isto me permitiu viver em Paris. Em Paris tinha um lugar, um centro de latino-americanos onde se recebiam mais jornais e revistas do que nós recebíamos em Bruxelas. Dessa maneira, nos últimos dois anos, enquanto escrevia a tese, vivi em Paris. Tive cursos com

Paul Ricoeur, com Poulantzas, com Touraine. Tomamos cursos de Antropologia e fiz uma tese completamente louca. Fiz uma tese que era metade tese de Filosofia, metade de Literatura. O diretor da tese era um dos melhores professores de Louvain, professor de Filosofia Social e Filosofia da Linguagem. Minha tese chamou-se *Palavra e ação por uma dialética da libertação*. Meu diretor de tese obrigou-me a rasgar sete vezes o meu projeto, alegando que eu queria fazer uma tese de doutoramento em Louvain, o que é muito clássico, mas ao mesmo tempo queria escrever um livro para os meus amigos da Colômbia, e que isso era incompatível. Consegui, afinal, apresentar-lhe um esquema que foi aceito e passei a escrever. Quando ele apresentou a tese para a banca, telefonou-me, em Paris, e disse: “amigo Jesús, a banca disse que isto não é uma tese de Filosofia, é um panfleto político, que estão dispostos a te aprovar, mas que você não espere mais do que isso. Pode vir defender sua tese, mas está avisado...”. Tinha amigos latino-americanos em Paris que queriam ir comigo para a defesa, em Louvain, e disse-lhes que não, que seria ridículo. Mas, quando cheguei a Louvain, como a defesa era pública e tinha sido anunciada, a sala estava cheia de flores, de latino-americanos de Louvain, todos velhos amigos. E foi uma coisa muito divertida, porque primeiro fiz demagogia: comecei dizendo que existiam teses que eram o ponto de chegada de vinte anos de trabalho e teses que eram o ponto de partida para trinta anos de trabalho, e que a minha era destas últimas. Aí, eles caíram na armadilha e, em vez de discutir sobre a minha visão filosófica, puseram-se a discutir a minha visão da América Latina. Fiz gato e sapato deles, deram-me *grande distinção* e saí carregado pelos meus amigos, como um toureiro. Eles tentaram entrar

pelo outro lado, e quando lhes dizia que havia milhões de latino-americanos que, para ser cidadãos, tinham de renunciar a seu idioma, diziam que isso era demagogia. E aí mostrava os dados: Bolívia, tantos, Equador, tantos, Guatemala, tantos. Discutir sobre a América Latina comigo era ridículo. Foi uma coisa muito simpática. Quando terminei, tinha ofertas para ficar em Paris como professor ou dirigindo o Centro Latino-Americano de Paris. Mas voltei para a Colômbia. Depois de ter vivido com latino-americanos, e ter, na Europa, descoberto o Brasil – aprendi a ler português em quadrinhos, porque Abreu me alfabetizou a partir de uma revista que era semi-clandestina, uma revista de quadrinhos de humor político, e através de romances de detetives –, decidi voltar à Colômbia, porque realmente tinha me tornado latino-americano. Quando os meus amigos franceses me perguntavam por que queria voltar à América Latina, à Colômbia, respondia: vocês não podem compreender o que descobri. Se ficar aqui, serei mais um professor de Filosofia na França, enquanto que, na Colômbia, sou importante, tenho a sensação de que, na Colômbia, o que faço repercute por todo o país. Isso é verdade, e tenho sentido isso de maneira muito forte, todos estes anos.

---

**Quando regresssei à Colômbia, as pessoas me perguntavam: “e daí? você é colombiano ou espanhol?”. Dizia que não havia deixado de ser espanhol para ser colombiano. Essa etapa, já a havia superado. Sou latino-americano. E realmente é assim que vivo agora.**

---

Voltei, entre outras coisas, porque tinha mantido uma correspondência de quatro anos com Elvira. Elvira era quem me dava as notícias, me mandava artigos de jornais. Pude se-

guir a vida da Colômbia através da minha repórter, de Elvira. Nós nos casamos. Quando voltei, o ensino de Filosofia havia sofrido uma degradação. Encontrei um campo contra a Teologia da Libertação. A Filosofia nas universidades particulares tinha se tornado tremendamente reacionária e a Filosofia na Universidade Nacional era um catecismo marxista. Comparado com o tempo em que saí, em plena efervescência, era um catecismo, uma coisa chatíssima.

## DA FILOSOFIA PARA A COMUNICAÇÃO

Neste período, Elvira estava estudando Comunicação Social numa universidade particular, onde tinha se juntado um monte de gente meio louca e eles me propuseram aulas. Eles tinham começado a ouvir falar em Semiótica, Teoria do Discurso, mas não tinham textos, tinham poucas notícias. Em Paris, tinha feito cursos sobre Roland Barthes, tinha na cabeça toda a Semiótica para fazer análise ideológica. Propuseram-me abrir uma área de pesquisa na faculdade e entrei em Comunicação. Isso foi no ano de 1973. Voltei para a Colômbia em março e em julho entrei para essa faculdade, e desde então estou trabalhando no campo das comunicações. Um ano e meio depois fui despedido, sob o pretexto de ser um revoltoso, isso juntamente com outros revoltosos, ou seja, livram-se das pessoas que não pensavam quadriculadamente. Além do mais, o reitor havia sido nosso cúmplice, porque existiam muitos professores de tempo integral. Tratava-se de uma universidade particular, com professores que, basicamente, trabalhavam por hora. Entre Economia e Comunicação tínhamos a

metade dos professores de tempo integral de toda a universidade, a qual se compunha de cerca de trinta cursos. Por motivos variados, fomos despedidos.

Por essa época recebi várias ofertas, entre as quais a de abrir uma nova Escola de Comunicações em Cali. Em Cali tinha muitos amigos de minha primeira temporada na Colômbia. Fui para Cali e, depois de uma batalha bastante dura, consegui abrir uma Faculdade de Comunicações, a partir de Ciências Sociais. Todas as outras eram escolas de Jornalismo. Fizeram o possível para impedi-lo. Houve uma senhora muito importante, que pediu uma opinião a um especialista em Marx porque, dizia ela, meu plano de estudos era marxista-leninista. (Como são loucos!) Quando, depois de todos os debates, de passar por todos os comitês da universidade, a proposta chegou ao Conselho Diretor, os três decanos mais importantes, o de Medicina, o de Economia e o de Engenharia o vetaram. Pela primeira vez na história da Universidad del Valle houve o que se chama em castelhano de *cabildo abierto*<sup>5</sup>. O Conselho Diretor (estava ainda em Bogotá) me chamou, e o reitor me disse: “moço, se você quer ver realizado o seu plano, vai ter que vir brigar por ele”. Passei três dias, com 40 ou 50 professores, discutindo, porque era preciso quebrar aquela visão simplesmente de Jornalismo e abrir-se para o fenômeno da comunicação com base em Ciências Sociais. No ano de 1972 a Universidad del Valle havia se rebelado contra o reitor, que era um reacionário, a universidade foi tomada, paralisaram a cidade. Havia uma tradição de beligerância política muito grande, além do mais, não eram só os alunos de Ciências Sociais, mas também os de Medicina que estavam à frente da greve.

5. Cabido significa corporação ou assembléia de cônegos; aberto pode estar referido a democrático. (N. Ed.)

Então, Cali estava muito marcada pela oposição extremada: esquerda e direita. Mas havia um grupo esplêndido de trotskistas que começava a trabalhar com Semiologia, com Análise Semiológica etc. Essa gente me apoiou. Nessa altura, depois de muitos debates e de muitas palestras, o pessoal de História e de Sociologia começou a me apoiar. A direita em Cali tinha pensado em abrir uma Faculdade de Jornalismo e nós nos adiantamos. Além do mais, seria uma Faculdade de Jornalismo que seria dirigida por um cubano exilado, um *gusano*<sup>6</sup>.

Começaram a sair artigos contra mim. Eles sabiam que eu tinha sido expulso de uma universidade, que era um tipo suspeito. Fizeram de mim uma imagem de guerrilheiro, de homem das guerrilhas, que tinha estado fora do país. Publicaram, inclusive, um artigo da antiga constituição que proibia os estrangeiros de dirigirem qualquer dos meios de comunicação. Tive semanas e semanas de artigos contra mim. Quando abrimos o segundo período de matrículas, vieram vários jornalistas para dizer aos pais de família: se matricularem seus filhos nesse plano de estudos, eles vão ser preparados para viver na União Soviética, não na Colômbia! Mas não adiantou.

Cali era uma cidade onde havia, há algum tempo, uma paixão muito grande pelo cinema. Algumas das primeiras pessoas que fizeram cinema são os irmãos Acevedo, que eram de Cali. Havia também um romancista jovem, que se suicidou muito novo, que era irmão de uma amiga minha, e que conheci, Andrés Quisero, hoje uma das personalidades mais importantes da literatura colombiana. Então, nós nos encontramos em uma situação bastante peculiar: como os jornais eram muito ruins, os jovens

não queriam fazer jornalismo, todo mundo queria fazer cinema. Por isso, os alunos que entraram para fazer o curso tinham temperamento de artistas, eram bastante anarquistas, não se deixavam manipular nem pela esquerda nem pela direita, eram muito independentes. Isso deu desde o começo um direcionamento muito especial ao plano de estudos. Havia audiovisuais. Ou seja, muito dessa minha empatia com os audiovisuais vem desse fato: a juventude que entrou na faculdade nos disse, queremos fazer cinema, vídeo. E isso nos marcou de um modo muito forte.

---

**A ênfase dada ao curso de Comunicação foi em Ciências Sociais e cultura audiovisual, o que provocou um rompimento ainda maior com as outras escolas, porque nessas o Jornalismo escrito era a base de tudo. Além do mais, nossos professores não eram egressos de Comunicações, eram de História, de Sociologia, de Literatura. Eram as pessoas que mais entendiam do que estávamos fazendo.**

---

Outra etapa terrível foi quando mandamos tudo para aprovação do Ministério de Educação. Foi outra batalha. Tive a sorte de que o homem que estava à frente da instituição e que dirigia o sistema universitário era muito inteligente. Ele leu a proposta de programa do departamento e me chamou, dizendo: empreste-me alguns textos de Roland Barthes e de toda essa gente. Ele era ligado a literatura. Esse homem lutou pelo nosso programa. Quando chegou à junta na qual o programa seria avaliado, ele me aconselhou a viajar para Bogotá e ficar na porta da sala se precisassem de mim para

6. Melhor conservar a expressão em cubano, que é muito expressiva e significa traidor da revolução cubana. (N. T.)

defender o programa. Não foi preciso, mas até nesse momento houve luta. Foi uma coisa que, como experiência, vista agora, parece incrível. Honestamente, não sabia quantas coisas estava quebrando.

Mas, como eu não vinha nem de Jornalismo nem de Comunicações, como vinha de Filosofia, Antropologia, Semiótica, para mim era por aí que devia ir. Era um pouco de intuição e depois a sorte de encontrar, na Universidad del Valle, gente que me apoiou decididamente, ou seja, gente que viu que realmente o rumo era aquele. O país estava necessitando romper definitivamente com umas escolas esclerosadas, que eram uma mescla de pura pragmática de Jornalismo com um pouco de humanismo antigo. Cultura geral de terceira mão. Tive a sorte de ter como professores na escola os melhores que existiam na universidade. Os professores brigavam pelo direito de dar aulas em Comunicações. Tive entre os professores o pensador marxista mais importante da Colômbia, Estanislao Zuleta, um autodidata. Foi um homem extraordinário. Foi o primeiro, na Colômbia, a fazer a ligação entre marxismo, literatura e psicanálise; ele criou uma escola de psicanálise em Cali. Tive a honra de ter esse homem como professor nas primeiras aulas; ele não gostava da universidade, mas quando lhe contamos o que estávamos fazendo, ele veio para dar aulas de Psicologia da Comunicação. Tivemos um dos historiadores mais importantes, que morreu de câncer pouco tempo depois, Germán Colmenares, que era um dos dois ou três mais importantes do país. Economistas como Miguel Vazquez, a melhor gente da Universidad del Valle, eram nossos professores. Nosso programa era basicamente de Ciências Sociais e oficinas de produção. Os primeiros dois semestres eram de Epistemologia, Economia e Semiótica.

Quando chegava o final do segundo semestre, a metade dos alunos não agüentava. Nós ficávamos muito felizes com a outra metade, e seguíamos. Mas vimos, depois, que isso era demasiadamente brusco, porque as pessoas chegavam dos primeiros estudos incapazes de ler um texto. Era muita exigência a nossa. Era preciso partir, antes, de matérias que tivessem uma pequena continuidade com os seus primeiros estudos. Era preciso mudar, e dar História da Colômbia, História da América Latina. Ou seja, cursos um pouco mais próximos àquilo que eles conheciam. Tivemos que fazer, rapidamente, uma reforma, porque a primeira proposta era muito racionalista.

---

**À medida que a primeira geração ia passando pelos cursos, nós fomos descobrindo esses temperamentos de artistas. Percebemos que era preciso dar maior importância à dimensão estética do curso, porque íamos imprimir uma marca, mas uma marca bem racionalista. Porém, fomos liberais, fomos dando mais literatura, artes e, bem, estive por 22 anos em Cali. Por 10 anos fui Diretor, pai, mãe, avô, tudo.**

---

Tive que arranjar dinheiro para comprar o aparelhamento, para ir conseguindo professores nomeados, era preciso lutar nas instâncias superiores. Mas quando saí, saí muito contente, porque deixei uma graduação e duas pós-graduações, uma em Produção Audiovisual e outra em Comunicação e Projeto Audiovisual. Estou muito contente porque, além do mais, consegui uma equipe que já está na segunda geração. Tínhamos, entre todos, 250, 270 alunos. Éramos 15 professores de tempo integral. Isto é, todo mundo fazia pesquisas, fazia produção de vídeo, rádio. Era e é uma coisa excepcional. Nesse sentido consegui algo que, na univer-



sidade, quase não existia. A maioria dos professores tinha pesquisas aprovadas pelo Comitê de Pesquisa da universidade, como as do CNPq aqui no Brasil. Para fazer as pesquisas, a maioria saiu para estudar fora do país. Aqui, na USP, estiveram dois, Margarita Londoño e John Galimeson. Então, deixei, de alguma maneira, falando com certa vaidade, um grupo de gente muito valiosa e, além de tudo, muito aberta, gente que estudou cinema em Nova York, que fez Estudos Culturais em Birmingham. Temos uma equipe muito boa.

**RCE:** *Por que a comunicação tem se mostrado tão importante na contemporaneidade?*

**Martín-Barbero:** Por um lado, essa importância estratégica está ligada ao que podemos chamar desenvolvimento ou revolução tecnológica. De fins do século XIX a fins do século XX, a humanidade ocidental viveu uma transformação na dimensão da tecnicidade que não viveu em muitos séculos. Penso que existe aí uma base objetiva, mas, em segundo lugar, penso que de alguma maneira a resposta é a que deu Habermas, quando converte a comunicação na nova agenda de filósofos. Isto é, a que insiste na representação. A representação, tanto em termos epistemológicos como em termos políticos, sofreu um desgaste profundo.

---

**A comunicação permite olhar em conjunto a cidade e a sociedade, mais do que qualquer outra dimensão humana, diria. Por isso, vejo que a importância do desenvolvimento tecnológico está ligada à enorme inversão de capital intelectual sobre o mundo da comunicação e da enorme quantidade de capital monetário que foi derramado sobre tudo isso.**

---

Ou seja: falar de tecnologia não é falar simplesmente de aparelhinhos, é falar da linha de ponta de desenvolvimento da investigação científica. A investigação científica vai atrás da tecnologia, e não da arte. Isto é algo que está cada dia mais claro. Infelizmente, isto está sendo feito, em grande medida, de costas para as demandas sociais. Existe uma lógica, tanto de investigação científica quanto de produção tecnológica, ligada ou à guerra ou à conquista do espaço. Mas isso sai do âmbito das demandas que neste momento a sociedade está apresentando, porque existe uma grande quantidade de pesquisa, e elas são um luxo para um planeta com as necessidades que tem o nosso. Não obstante, a lógica do mercado vai por outro lado. Isto não é obstáculo para se compreender que, se a inversão intelectual e a inversão econômica são tão grandes nesse âmbito, é porque, de algum modo, a humanidade ocidental outra vez reconhece um novo lugar, a partir do qual pensar, compreender o que está se passando no mundo, para onde vai este planeta. Mas existe um terceiro olhar, a meu ver, que é um olhar puramente ideológico. E, de alguma forma, a comunicação é convertida no remédio para todos os males. Aqui existe uma versão completamente idealista: que o problema entre um casal pode ser um problema de comunicação; que os problemas políticos são problemas de comunicação entre governo e cidadão; que os problemas dos pais com os filhos são problemas de comunicação. Aqui existe aquilo que chamo de uma utopia neutra. A comunicação tornou-se uma utopia. O mundo se salva pela comunicação. Aqui existe uma grande mentira, uma grande armadilha, um grande sofisma, que tem sua base no desenvolvimento tecnológico tão forte e na própria importância que obteve no âmbito intelectual.

## PENSAR A COMUNICAÇÃO É TAMBÉM PENSAR A PRODUÇÃO, O TRABALHO, O EMPREGO

Hoje, de alguma maneira, pensar a comunicação é pensar as linhas de ponta não apenas de pesquisa, mas também de emprego, de trabalho, de produção, em direção à qual vamos. Sem dúvida, o que estamos vivendo é, em grande medida, a transformação da Primeira Revolução Industrial para uma Segunda Revolução. Uma imagem da qual nos falou certa vez um professor em Louvain, de que a primeira industrialização teve sua imagem na máquina a vapor, que permitia a produção têxtil da Inglaterra, ou na máquina a vapor do trem. Ambas eram um centro, a partir do qual tudo se movia. Essa segunda etapa da industrialização rompe com esse centro. É a comunicação que propõe, de algum modo, essa explosão. Isto é, neste fim de século, sinto que existe uma descentralização, seja da linguagem pós-moderna, seja da morte dos grandes relatos etc. Para mim, não há um lugar único no qual pensar, e pensar a comunicação transformou-se mais numa maneira de trabalhar a multiplicidade de formas de interpelação, de construção de sujeitos que vão da política à psicologia. Vejo a comunicação como uma imensa metáfora de muitas coisas que não são comunicação. Mas é a metáfora que permite entender este fim de século. Pois, por um lado, dou muita importância a essa crise, a este esgotamento da representação como grande categoria, tanto do pensamento como da ação política, e a esta como intuição de que, neste fim de século, talvez a tarefa mais difícil que tenham os homens seja a de se comunicar. Ou seja, no fundo, é uma inversão. Estamos vivendo um processo de incomunicação gigantesco entre pais e filhos, entre os casais, entre governo e cida-

dãos. O governo vai pelo seu lado, seus interesses, e a cidadania vai por outro. Vejo um grande paradoxo. Estamos atravessando uma situação na qual o reconhecimento do outro, a valorização do outro aparece como grande descoberta. A pós-modernidade diz sobre a enorme dificuldade que temos para aceitar o outro, para conviver. Talvez nunca tenha sido tão difícil conviver, como na atualidade. Vivemos uma certa utopia: tudo é comunicação quando, na verdade (não digo que tudo seja incomunicação) há uma grande incomunicação, este é o problema.



Jesús Martín-Barbero em encontro de pesquisadores de Comunicação/Educação, ECA-USP, São Paulo, 1997.

Penso que a questão vai por este lado, é um desafio para pensar. Sinceramente, sou dos que crêem que a Antropologia é a chave, porque os desafios apresentados pela tecnicidade não são desafios puramente instrumentais, de aparelhos. Depois de tudo o que dissemos sobre mudanças de sensibilidade, de percepção do tempo, do espaço, vemos que por aí passa uma transformação que não cabe nas categorias com que cada ciência social está trabalhando. Por isso existe (e isso é muito importante) um reencontro com a Filosofia. Em Cali abriram-se alguns cursos de Pós-Graduação de Filosofia, e muitos engenheiros e economistas, que há anos estavam trabalhando, foram fazer cursos de Filosofia. Existe uma neces-

sidade de globalizar, de articular um mundo que está se rompendo em pedaços. Acho que a comunicação, aqui, ampara este reencontro com uma necessidade de articulação.

**RCE:** *Os jovens e a educação escolar têm sido tema de suas preocupações e contribuições teóricas. O que o senhor poderia nos dizer sobre o assunto, nesta situação, nesta conjuntura de preponderância da comunicação?*

**Martín-Barbero:** Em primeiro lugar, estou muito interessado no que tange aos jovens, porque, seguindo os passos do livro de Margaret Mead, *Cultura y compromiso*, e com o qual concordo, hoje a ruptura geracional é muito mais forte do que foi antigamente. E esta ruptura deve ser pensada como inovação e não somente como febre passageira, que sempre tenha existido. Presto muita atenção à nova sensibilidade juvenil, ao que eles querem nos dizer, ou seja, de maneira confusa, desconexa, raivosa, violenta, eles nos dizem que não cabem mais na nossa cultura. Nesta nossa cultura, tanto a culta quanto a popular, a local. Eles estão, todo o tempo, dando encontrões nas paredes. De algum modo me atreveria a dizer que é a incomodidade. O que a juventude exprime é um mal-estar muito grande. Isso expressa uma série de contradições da sociedade, que ela não quer assumir. Quando se pesquisa sobre juventude, em geral se pesquisa, fundamentalmente, porque ela é violenta, porque é agressiva etc. Mas ela não é pesquisada em termos do que nos está abrindo de perspectivas novas. O mais fácil é ver o conformismo juvenil, a amoralidade juvenil.

No fundo, a hipocrisia social culpa os jovens pela sociedade que temos. Por exemplo: fala-se muito da perda de valores; pergunto: mas quem é que está sem valores? Onde estão os valores que lhes estão sendo

transmitidos pelos pais? Arrivistas, oportunistas, hipócritas... Onde estão os projetos políticos capazes de convocar esta juventude, de dar-lhe ilusões, de abrir-lhe a utopia? Então, como queremos que nossos filhos sejam diferentes? Eles não estão contentes com este mundo, não se sentem bem com este mundo. Nós, de algum modo, estamos tentando nos sentir bem, mas eles não. Eles estão nos dizendo, todo o tempo: “não estamos bem”.

## A LINGUAGEM DA JUVENTUDE

A família não é nem uma coisa nem outra, a família não é nada. Os pais jogam a culpa nos meios de comunicação e os professores também, sem perceber que os jovens estão expressando a emergência de outras culturas, de outra sensibilidade. Sabem o que significa a música? A música é o idioma em que se expressa a juventude de hoje. Isto é novo, é uma coisa estranha, o fato de que toda a juventude deseje expressar-se através da música. Recolhi, neste sentido, dois testemunhos de importantes intelectuais latino-americanos; uma é Beatriz Sarlo, argentina, o outro é Carlos Monsivais, mexicano. E tanto Carlos como Beatriz comentam como eles não foram jovens. Como a juventude não foi uma categoria em suas vidas. Eles foram militantes, cineastas, sei lá, foram torcedores de futebol. Não foram jovens, nenhum dos dois. Monsivais diz que ele sempre teve como mentores as pessoas velhas. Ele diz: “Stalin era velho”. Ou seja, viam-no como um velho. Beatriz diz a mesma coisa: “Sartre era um velho, a cara de Sartre, aos 20 anos, era a de um velho”. Ser jovem, realmente, é algo que começa a existir em maio de 1968 no mundo. A juventude aparece como um novo

ator social, que tem rosto próprio e aqui vem o problema: os jovens estão construindo um novo modelo de identidade. Mas os antropólogos dizem que não pode ser. Porque os antropólogos acreditam que têm o monopólio da identidade. E a identidade é, para eles, algo que vai desde o nascimento até a morte. Essas identidades lentas, fortes, de classe. As identidades dos jovens, hoje, são, para o bem e para o mal, fluidas, maleáveis. Acho que uma das coisas mais importantes da juventude, hoje, é (e disso podem sair coisas muito boas ou muito más) que ela pode combinar, amalgamar elementos de culturas muito diversas, que para nós seriam incompatíveis. Por exemplo: vejo como, desde a escola primária, a escola tende a definir a identidade colombiana em termos negativos. Nem novos-ricos, como os venezuelanos, nem incapazes, como os equatorianos. Isso está nas cartilhas. Portanto, as pessoas, hoje, não são anti-colombianas à-toa.

Nós passamos – e tenho que reconhecê-lo – anos e anos analisando o *rock* como instrumento do imperialismo, mas hoje percebo que o *rock* é outra coisa. O *rock* é um idioma que permite aos jovens que falem, que se comuniquem entre si. Permite-lhes dizer muitas coisas que, de outra maneira, não saberiam dizer. Então, é aqui que vejo que se apresenta o desafio fundamental dos jovens à escola. E o desafio à família é maior ainda. O desafio à família é, de algum modo, a última etapa da morte da família patriarcal, que é muito antiga. Agora ela está morrendo. Acontece que, se os pais não conseguem estabelecer um mínimo de diálogo, os filhos têm com quem dialogar fora de casa. Para eles não há problema. O problema é para os pais. Por isso, penso que o desafio à família é radical. Pesquisas sobre a televisão, nos Estados Unidos, têm mos-

trado como o feito mais importante da TV é unificar de novo o mundo dos adultos e o das crianças. Desde meados do século XVII, com a imprensa, com o controle demográfico, com a aparição da escola primária, esses mundos se opõem. Agora, a televisão expõe o mundo dos adultos às crianças. Creio que por aí passa a revolução da relação entre pais e filhos.

---

**A escola dificilmente compreende esses novos desafios, não é culpa dos professores. Dificilmente, depois de certa idade, os professores poderão reciclar-se numa nova relação com o saber, porque foi isso o que mudou. O que é o saber hoje em dia? A escola acredita que ela é o lugar legítimo do saber, porque durante séculos o foi. O saber vinha desde o primário até a universidade, legitimado socialmente.**

---

Hoje, o saber legitimado socialmente passa por muitos lugares. Vemos como o mercado está tirando a pesquisa da universidade e levando-a para outras partes. A universidade não é mais o único lugar da produção do conhecimento. A imensa maioria das universidades é mais o lugar da repetição. Principalmente as universidades particulares, na Colômbia, são uma roubalheira. Ali não há produção de conhecimentos, há compra e venda de diplomas, para que o candidato possa chegar ao mercado de trabalho. É muito difícil para os professores responder a esse desafio cultural. A cultura da qual os adolescentes falam com seus professores é completamente diferente daquela dos próprios professores. Falam-se dois idiomas diferentes. Costumo citar o exemplo dos meus filhos porque, para mim, foram um laboratório de experimentação. Meu filho maior está estudando Matemática e minha filha menor, Literatura. Os dois es-

tão muitíssimo interessados em Filosofia; meu filho está pensando em fazer mestrado em Filosofia para ir, depois, fazer doutorado em Matemática na Europa, enquanto minha filha quer fazer pelo menos duas coisas: Literatura-História e Literatura-Filosofia. Por isso, estão muito próximos a mim, e foram me mostrando uma outra cultura, outra maneira de se relacionar com os livros, outra maneira de se relacionar com a televisão, por exemplo. Tenho pensado muitas vezes que, para nós que viemos da cultura do cinema, é difícil entender que a televisão é outra coisa. Quando meu filho tinha 6 ou 7 anos, ele já tinha seu quarto e a televisão estava no nosso dormitório. Ele ligava a televisão e ia para o quarto dele, fazer a lição de casa. Eu gritava do meu escritório: “você está fazendo a lição ou vendo televisão?” e ele me respondia: “as duas coisas”. Era certo aquilo e ele o demonstrava, porque, sem ter lido Roland Barthes, sabia que em todo relato há núcleos e catálises. Ele sabia quando o relato da televisão ia chegar a um núcleo e corria, e depois continuava os estudos. Era um exemplo pequeno de como minha relação com a televisão era uma relação de cinema. Se eu vejo, estou vendo. Mas eles, não. Eles podem estar, ao mesmo tempo, ouvindo um disco de *rock*, fazendo a lição, olhando a televisão. Este é um desafio demasiadamente forte para aquele esquema dos saberes repartidos em disciplinas. Aqui, quero abrir um parêntese: Piaget nos trouxe muita coisa, mas nos deu uma concepção muito gradualizada do conhecimento, que hoje não resiste mais ao que estamos vendo nos jovens. Ele estudou o processo do conhecimento na criança; mas hoje em dia Piaget teria que rever muitas coisas, porque esse processo já não é mais tão unilinear, é preciso ir por várias direções, os circuitos de conhecimentos passam por muitos lados.

Realmente, para mim, o mais valioso de McLuhan é que ele nos fez voltar a pensar nos outros sentidos que estavam atrofiados e ver que a cultura audiovisual é, também, uma cultura tátil. McLuhan não tinha idéia do que viria a ser o mundo atual. Quando ele disse que a televisão recomeçava um reencontro com a cultura tátil realmente foi um visionário, porque, hoje em dia, as experiências virtuais que se podem ter já são isso. Tornar tátil uma imagem plana. Por isso, penso que essa empatia dos jovens com as novas tecnologias é uma empatia cognitiva, modos de relação com o saber que passam por essas tecnologias, mas empatia expressiva também. Novos modos de dizer, novos modos de narrar, que passam por estas novas sensibilidades. No campo da educação, o que estava faltando era integrar a reflexão entre comunicação e cultura. Diria que na América Latina, antes de que os europeus pusessem a etiqueta de “Estudos Culturais”, já estávamos fazendo esses estudos. E o estamos fazendo a partir da comunicação, em boa parte. Mas nos faltava essa outra dimensão estratégica, do ponto de vista da formação cidadã, que é a educação.

## REALIDADE LATINO-AMERICANA E EDUCAÇÃO

**RCE:** *Fale um pouco mais sobre a interação entre os três níveis da educação formal, ou seja, o ensino fundamental, médio e superior. Como seria isso num projeto de educação, vendo a realidade, as carências da América Latina?*

**Martín-Barbero:** Escrevi um artigo que está na revista *Nomadas*, em que falo dos destempos da educação na América Latina. Salvo exceções, como Argentina e México, não sei do Brasil, não houve uma

educação pública forte, desenvolvida, inovadora. Na Colômbia a educação pública é um desastre. Pagam muito mal aos professores, não existe o reconhecimento social. Os professores não têm tempo de se reciclar, de se preparar. Existem pequenas oportunidades, mas são muito poucas. O ofício de professor é um trabalho sem reconhecimento econômico, e sem reconhecimento simbólico. É muito difícil poder assumir todos esses desafios de que estamos falando, nas condições reais de trabalho da maioria das escolas públicas. Há aqui um problema muito sério, o desse descompasso de que fala o famoso sociólogo da educação argentino, Tedesco, um dos grandes sociólogos da educação da América Latina. Ele fala sobre o que a nossa sociedade ainda está devendo à educação, uma dívida primária, porque a educação ainda nem chegou à maioria, e quando chega é de uma forma degradada, por falta de recursos nas escolas, de livros, de revistas, de tecnologias básicas, de bibliotecas, principalmente. E, depois, pela situação social dos professores. Esse é um descompasso muito forte, ou seja, qualquer tipo de projeto tem que levar isso em conta, porque senão não é possível ser realizado.

---

**Qualquer tipo de projeto supõe, necessariamente, que nossos países invistam menos dinheiro em armamento, por exemplo para investir muito mais nos mestres, muito mais em educação. A América Latina tem uma dívida pendente com suas crianças, com seus adolescentes. Uma dívida pendente que é conseguir que o objetivo fundamental ou um dos objetivos fundamentais da transformação do país seja a transformação da educação.**

---

Uma educação que permita que a maioria dos cidadãos possa ser, no melhor

sentido da palavra, competente na sociedade. Isso como base, de entrada. Depois, deve-se notar que o ensino primário está sendo dirigido por pessoas que, ainda que tenham feito algum curso de psicologia infantil, não são aptos para a tarefa, principalmente hoje, que se começa tão cedo, 2 ou 3 anos...

---

**A primeira etapa de escolarização é a época mais difícil e para a qual os professores estão menos preparados. Há um déficit na própria universidade, de valoração, de legitimação, do que é ser professor primário.**

---

Digo que há exceções, realmente conheci algumas exceções, mas a maioria, na América Latina, pelo que me contam, é um desastre. As pessoas não estão preparadas para seguir a diversidade vocacional das crianças, para poder estimular, e não meter tudo num mesmo molde, porque esse é um momento chave, no qual vai se exercitar a liberdade ou a submissão. Para mim, isso é a escola primária. É daí que partem os dois modelos de pessoa humana: a que vai viver num processo de crescimento, de maturação de sua liberdade ou a que vai amadurecer a sua submissão a qualquer tipo de poder. E é aí que temos problemas de preparação. A própria escola, a própria universidade está começando, em muitos lugares, a valorizar este ponto. Para ser professor primário necessita-se de uma vocação muito especial, muito mais do que para ser professor universitário. Penso também que educação secundária devia ser repensada por completo em sua organização curricular. Essa é uma hora em que os jovens já começam a ter uma interatividade muito forte com os meios de comunicação. Portanto, com o texto escrito, os quadrinhos, o cinema, a televi-

são, o vídeo, os *video games*. Os *video games*, por exemplo, estão crescendo muito, uma enorme quantidade de crianças dos setores populares está jogando, na rua, nos clubes. Não são só os *games* de computador, mas os de todos os tipos.

## COMUNICAÇÃO/EDUCAÇÃO

Por isso, penso que devia haver, por iniciativa das faculdades de educação, uma revisão da organização da aprendizagem, que fosse muito menos linear, muito menos seqüencial e muito mais mosaico, como diria Abraham Moles. Um saber mosaico que permita usar uma das coisas que os psicólogos estão começando a detectar nos adolescentes, que é nova: os jovens de hoje trabalham com inferências muito fortes.

---

**Isto significa que o jovem está lendo um livro e salta para outra coisa; não naquele sentido preguiçoso de pular partes, mas, como fazia meu filho, com mais capacidade de eclipse no processo cognitivo, com uma capacidade de inferência que antes não tínhamos. Assim, submeter o jovem a uma aprendizagem linear, completamente segmentada, em termos de pacotes de saber, é desconhecer todos os outros modos de organização, de difusão, de contato com o conhecimento que o adolescente está adquirindo.**

---

Sei que isto se choca com algo que foi fundamental no ensino, e que é como se estivéssemos propondo o não sistemático, a indisciplina, mas não se trata disso. Acredito que o ensino de uma disciplina não está ligado fisicamente a este modo seqüencial de aprender. Acredito que se pode ensinar um jovem, exigir de um adolescente dis-

ciplina, começando pela disciplina mental, sem que seja necessário passar pela contagem simples de um, dois, três, quatro, cinco... Fazer isso é muito difícil. Creio que serão necessárias várias gerações. Quando nossos filhos começarem a ensinar vão poder começar a mudar algumas coisas. Sei que isso vai demorar muito tempo e que o processo é meio longo, porque o processo para gestar o conceito educativo que temos hoje foi também muito longo. Tenho consciência de que isso vai levar muito tempo, mas vejo que o problema fundamental no secundário tem a ver com o fato de que a escola continua centrada no livro e no discurso do professor. E hoje, só esses dois elementos são incapazes de assumir toda a diversidade de linguagens e de escritas que os jovens levam à escola. Isto é, antes os jovens iam à escola aprender a ler e a escrever. Agora, chegam à escola com novas linguagens, novos modos de ler e escrever que a escola não quer acolher. Não sabe, não entende, é outra coisa. O problema básico da escola é abrir-se para novas linguagens. Mas abrir-se, como dizíamos, não de forma instrumentada, mecânica, modernizante, apenas como adorno. Em primeiro lugar, a idéia é abrir a agenda de temas que interessam à juventude. São muitos os temas que não chegam ao adolescente e ao jovem pelo lado da escrita: livros, jornais, revistas. Mas que podem chegar pela televisão. Ou seja, a televisão pode agendar temas importantes sobre o país e o mundo. E, em segundo lugar, a televisão poderia mostrar-se para a escola como uma chave do aprendizado de toda a sofisticação que hoje passa pela experimentação audiovisual. Quero dizer que a maioria das pessoas pode ver na televisão, principalmente através do videoclipe publicitário e musical, o que os profissionais estão fazendo com o computador. Esse

tipo de experimentação estética chega à maioria das pessoas que não vai às exposições, às novas galerias, em *happenings*, em *performances*, através da televisão. Seria importantíssima a ação da escola para ajudá-los a distinguir o que é mero uso instrumental repetitivo da imagem e do som, daquilo que é experimentação estética, busca de novas estéticas.

**RCE:** *Pode-se falar, então, de um campo teórico próprio da comunicação e da educação?*

**Martín-Barbero:** Creio que sim. Um campo a construir. Não está construído. E isso porque os educadores não são os mais interessados em falar sobre esse tema. Somos nós, os do campo da comunicação, os mais interessados, por paradoxal que seja. Os desorientados são eles. Mas eles ocultam seu mal-estar, sua desorientação. Fazem reflexões moralistas. Não são capazes de ver, de abrir-se a estas novas dimensões comunicativas. É um campo novo, porque é um campo que apresenta um horizonte fundamental, são os novos modos de produção do conhecimento. Até agora, vimos a comunicação como a que veicula, que faz circular, que reproduz. Pois bem, a partir do computador já não é mais isso. Daí o computador começa a ligar-se com a TV, com o vídeo etc., e esses são os novos modos de produção do conhecimento. Não apenas novos modos de armazenar, mas sim de produzir. Vejo meu filho, ele tem 22 anos, está terminando Matemática e é um apaixonado pelo cinema, dirige o cineclube da universidade onde estuda, dirige uma revista sobre cinema. Neste momento ele está fazendo um vídeo, pago pela universidade, dirigido aos colégios de nível médio, para explicar o

que é estudar Matemática. Percebo que o que ele está fazendo não é propaganda, é outra coisa. Leva meses fazendo pequenos roteiros e depois horas e horas metido no computador. Essa gente está elaborando conhecimentos. É a noção de saber que muda. Seria necessário voltar a ler a *Arqueologia do saber*, de Foucault<sup>7</sup>, para ver que, realmente, o que se deve introduzir é a nova noção de saber. Isso faz com que, no campo da comunicação-educação, se encontre algo que aparentemente não estava em nenhum dos dois, porque a comunicação, durante muito tempo, foi tratada apenas como reprodução ideológica, reprodução de conhecimentos, nada mais.

**RCE:** *Mas é reprodução ideológica, também.*

**Martín-Barbero:** Também ideológica, evidentemente. Pierre Bourdieu<sup>8</sup> e seu famoso livro. Mas estamos entendendo que nem a comunicação nem a educação são mera reprodução ideológica. Ali existe criação e produção social. Há produção social de saber, de prazer. Aqui há um campo de produção novo. Que é, ao mesmo tempo, espírito de produção de conhecimento, de produção estética etc.

Giroux tem dois ou três livros traduzidos para o castelhano. O primeiro livro que conheci dele é sobre a nova cultura popular nos Estados Unidos. O livro tem uma primeira página emocionante, porque ele conta como era rica, aberta, plural a vida do bairro e como, ao chegar à escola, ele sentiu acabar-se toda aquela pluralidade, toda aquela riqueza; ele se sentia entrando num beco escuro, onde se falava um idioma que era, para ele, desconhecido, e no qual ele não podia introduzir nem 5% da sua expe-

7. FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Petrópolis: Vozes, 1972. (N. Ed.)

8. BOURDIEU, P. *Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975. (N. Ed.)



riência de rua. É impressionante, bem contado. Retrata a sensação de um adolescente, negro, norte-americano, que conviveu com todo o perigo e a agressividade dos guetos negros e quando chega à escola encontra aquilo. Este autor está trabalhando com um outro companheiro e já publicaram juntos três ou quatro livros sobre cultura popular, cultura jovem, novas sensibilidades e educação. Se queremos realmente um projeto social, temos que pensar em função da cultura das maiorias. Porque isso é a cultura popular. Atravessada por todas as deformações e tudo o que queiramos. Estou convencido de que é um campo teórico completamente novo, porque aborda o que nunca pensamos que estivesse nem na educação, nem na comunicação.

**RCE:** *A escola e os professores estão perdendo importância frente aos novos meios de comunicação, a esse campo novo de comunicação-educação? Por que a cultura livresca e a linguagem escrita não são mais paradigmas para a educação e o conhecimento das novas gerações?*

**Martín-Barbero:** A escola está perdendo importância na medida em que é incapaz de interagir com o horizonte cultural dos jovens. Ou seja, a escola vai continuar a ser necessária na medida em que for ao encontro desses novos modos de ler, de escrever. O professor vai perder sua função repetitiva, sua função de, como direi, vigilante, polícia, para adquirir um *status*, um ofício muito mais alto. Nessa nova escola, a ser formada, o professor teria funções muito mais ativas, mais exigentes intelectualmente e mais criativas, porque terá que ser aquele que ajudará a formular os problemas, a sistematizar experiências, a recolher a memória de diferentes gerações que vão trabalhando sobre um mesmo tema. É preciso ajudar os jovens a assu-

mir uma memória. Vejo nessa nova escola o professor muito mais como um formador do que como um informador, porque a informação vai poder ser dada pelos meios de comunicação. A organização do conhecimento também. Enquanto a escola não aprender as novas linguagens, não vai poder contribuir com nada, nada daquilo de que, verdadeiramente, necessitam nossos países, não apenas as nossas crianças. Porque, queiram ou não, a escola está formando os cidadãos, não de amanhã, de hoje. Está formando crianças frustradas, agressivas e não crianças criativas, vivas... Só assim é que começaria a mudar a nossa sociedade, não amanhã, hoje! E as nossas escolas, na sua maioria, são lugares lamentavelmente tristes. Veio, além disso, o cristianismo e nos embebeu de um maniqueísmo feroz, de um ascetismo que fazia com que, para nós, todo prazer fosse suspeito, todo gozo identificado com o outro mundo. É terrível, porque criou um poço de moralismo bastardo, terrível. Uma espécie de castração do prazer e da criatividade nas crianças. Aí existe outro desafio muito forte.

## SUJEITO E CIDADÃO

**RCE:** *O que foi ser cidadão na América Latina? O que é, hoje, ser cidadão na América Latina? E o que podemos nós pensar que virá a ser o cidadão latino-americano? Enfim, a questão da cidadania, ontem, hoje e no futuro.*

**Martín-Barbero:** Penso que sobre a cidadania latino-americana no passado quem melhor falou foi Paulo Freire, quando falou da cultura do silêncio, quando disse que a cultura das maiorias era a cultura do silêncio, na qual só se ouvia a voz do púlpito. Nunca esquecerei esta frase de Paulo Freire: *A educação como prática da liberdade*<sup>9</sup>.

---

**Isto diz respeito à nossa cidadania em geral, com exceções em certos tempos, em certos países nos quais houve revoluções, nos quais houve mudanças profundas que permitiram que gente comum tivesse uma palavra para dizer, tivesse a capacidade de decidir o futuro do seu país, ou ao menos do seu município, da sua cidade. Mas a imensa maioria, infelizmente, prolongou esta cultura da submissão, esta cultura do silêncio, de um cidadão ausente, de um cidadão sem voz. Atualmente, penso que vivemos uma enorme confusão.**

---

Diluíram-se, em boa medida, aquelas instituições, aqueles espaços nos quais o cidadão se formava, ao mesmo tempo em que exercia a cidadania. Neste momento, o que vejo é a multiplicidade de pequenos movimentos, um pouco tateantes, construindo algo que tem traços de cidadania, por um lado, uma superação, em certa medida, do silêncio. Isto é, existe uma insubmissão, uma rebeldia frente ao poder da Igreja, frente ao poder do Estado, frente ao poder da escola... frente a muitos poderes. Tudo o que passa pelos movimentos feministas, pelos movimentos ecológicos, pelos movimentos homossexuais, étnicos, raciais, os movimentos dos negros. Penso que existe uma rebeldia, existe outra vez um mal-estar muito forte, que começa a ter voz em diferentes níveis. Em alguns casos, o nível é muito baixo, em outros casos, já com capacidade de interpelação importante. Estou vendo como, na Colômbia, estão surgindo pessoas que vão chegando, por exemplo, às prefeituras, por eleição popular, pessoas que começam a vir de outras culturas políticas; já não se trata mais da cultura da velha classe política

clientelista, nem da cultura da esquerda tradicional. Existem esses elementos, mas existem também elementos novos, de uma nova sensibilidade, uma nova agenda de temas importantes para as pessoas. E penso que estes movimentos, pequenos, em sua maioria inarticulados, à medida que se articulem e articulem a escola, e os meios de comunicação municipais, comunitários, irão criando redes de formação de cidadãos que vão ser muito eficazes, para fazer com que essas vozes dispersas comecem a tomar corpo no espaço regional e, inclusive, no espaço nacional. No nível de política hegemônica, não existem mudanças. Por mais que pessoas diferentes subam ao poder, não há mudanças, estamos presos numa armadilha, em parte produzida pelo neoliberalismo econômico, em parte por uma enorme dificuldade de – como disse outro dia – mesclar a política com outras sensibilidades e menos racionalismo, menos visão puramente racional da política; uma visão que incorpore outras dimensões, que concilie a política com as múltiplas dimensões da vida. Ou seja, isso de políticos peritos é a morte da política. Uma coisa é que a política precise de peritos; outra que os políticos sejam peritos. É diferente. Não tem nada que ver com a política, política é outra coisa, não pode ser uma especialização que se aprende na universidade, isso é a morte da política.

Dessa multiplicidade, vejo que está surgindo uma nova cidadania. Estou assombrado, porque quando voltei a Bogotá, ao sair da universidade, um enorme número de grupos já me procurou, não sei como conseguiram meu endereço e meu telefone, estou assombrado. Uma grande quantidade de movimentos, de associações de todo tipo, ligadas com meio ambiente, saúde, consumo

cultural... e isso me deixa muito contente, porque vejo que existe uma energia social muito dispersa, porém muito grande, que não cabe nos modelos da política formal, que não está buscando essa política, também não busca o governo, o poder, busca aquela mescla de que falavam os surrealistas, de Marx e Rimbaud: mudar a sociedade para mudar a vida e vice-versa. Vejo que há muito mais do que isso, aquele ascetismo militante passou e hoje existe gente muito mais reconciliada com a vida, com a ambigüidade da vida, e isto continua a me dar muita esperança. Tudo isso está ainda muito inarticulado; usando um termo lingüístico, isso ainda não encontrou sua palavra, está buscando seu discurso. Mas aí se está gestando uma cidadania nova e que vai ajudar a *mestiçar* a política, porque a nossa arquitetura é mestiça, a música é mestiça, e a política não é. Creio que nesses movimentos estão se mes-

tiçando, mesclando muitas coisas e que, quando conseguirem articular-se, será para fazer a base de uma recriação radical da democracia. Que figuras isso vai assumir é muito difícil dizer, mas o que sei é o que não vai ser, não vai ter as formas que a política teve até agora, vai ter um caráter de autogestão muito maior, em muitos âmbitos. As pessoas não vão se deixar representar mais, não vai funcionar mais a representação. Só funcionará para algumas coisas, para outras não. Vai haver autogestão, e isto irá produzindo esta sociedade na qual o Estado deixa de ser a polícia. Porque, em última instância, o Estado que temos hoje em dia é um policial pago pelo Fundo Monetário Internacional, que cuida para que todos sejamos bons meninos. Isto vai rebentar a qualquer momento, porque o Estado é incapaz de conviver com uma sociedade feita por cidadãos. Esse Estado não pode existir; terá que explodir.

**Resumo:** Em entrevista a **Comunicação & Educação**, Jesús Martín-Barbero fala de sua trajetória intelectual na Espanha e depois na Colômbia. Fala de sua opção pela América Latina e de como hoje ele se sente um latino-americano. Trata da necessidade de a Comunicação ser pensada não só a partir dos meios, mas como uma problemática fundamental para se compreender a sociedade contemporânea. Trata da importância do campo comunicação e educação como perspectiva que pode ajudar a escola e o professor a superar a visão linear e compartimentada que se tem do saber, potencializando mudanças que atendam futuramente às novas sensibilidades e às formas de conhecimento que os jovens estão desenvolvendo. Bem como, destaca a cultura e a comunicação como categorias importantes na conquista da cidadania.

**Abstract:** In an interview to **Comunicação & Educação**, Jesús Martín-Barbero talks about his intellectual trajectory in Spain and, later, in Colombia. He talks about his option for Latin America and how, today, he feels as if he were a Latin American. He deals with the need for Communications to be thought of not only from the media point of view, but also as a fundamental problem to understand contemporary society. He deals with the importance of the communication and education fields as a perspective that can both help the school and the teacher to surpass the linear and sectioned view people have of knowledge, giving greater potential to changes that will tend, in the future, to the new sensibilities and to the new forms of knowledge the young people are developing. He also emphasizes that culture and communications are important categories to conquer citizenship.

**Palavras-chave:** Jesús Martín-Barbero, latino-americano, conhecimento, novas sensibilidades, cultura popular, juventude

**Key words:** Jesús Martín-Barbero, Latin American, knowledge, new sensibilities, popular culture, youth